



SABBADO 20 DE MARÇO DE 1813.

Doltrina . . . vim promovet insitam,

Relique cultus pectora roborant. H O R A T.

Conferencia entre o Principe Kutusow e Lauriston.

Lauriston foi recebido pelo Principe Kutusow no meio de todos os seus Generaes. Elle abriu a conferencia dizendo que havia sido mandado para pedir hum armisticio, e rogar ao Principe que enviasse a S. M. huma carta de Bonaparte, que continha propostas de paz, a fim de fazer cessar aquella horrivel effusão de sangue, que tão desesperada e barbaramente se havia derramado.

O Principe respondeu que não estava authorizado para receber proposta alguma, nem de paz, nem de armisticio; e que seguramente elle não queria receber carta alguma dirigida a S. M.; que de mais, era do seu dever declarar que o exercito Russo estava de posse de muitas vantagens para desampara-las por hum armisticio, que não havia mister.

Lauriston acodio que a guerra devia acabar hum dia, que não podia durar sempre — especialmente da maneira barbara, com que se havia conduzido.

O Principe Kutusow replicou, que os Revolucionistas Francezes haviam introduzido a barbaridade nas hostilidades, e que o mesmo Bonaparte lhe havia dado a maior extensão. Era verdade que a guerra não podia ser eterna; mas que não se podia fallar de paz em quanto os Francezes não estivessem para lá do *Vistula*. A *Russia* não desafiou a guerra; porque o Imperador, accomettendo com todas as suas forças os armazens e tropas da *Polonia* podia ter aniquilado todas as preparações de Bonaparte da outra banda do *Vistula*, antes que elle estivesse pronto para começa-las; mas S. M. nem queria perturbar a tranquillidade que existia, nem ser aggressor; e em summa esperava conservar a paz: que Bonaparte havia entrado na *Russia* antes de alguma declaração de guerra, e de-

vastado grande parte do Imperio; que só lhe restava sahir de *Moscow* como podesse, porque tinha alli vindo sem ser convidado; em quanto da nossa parte era obrigação fazer-lhe todo o mal possível: que quando elle proclamava a campanha terminada em *Moscow*, os *Russianos* apenas a vião começar; se elle não o sabia ainda, depressa o aprenderia pela experiencia.

Lauriston. — Visto que não ha esperanza de paz, sem duvida será necessario marchar; mas na partida, será outra vez necessario derramar o sangue de homens, que forão sempre bravos, huma vez que os vossos exercitos marchão por todos os lados.

Outra vez vos repito, tornou o Principe, adoptareis embora as medidas, que poderdes, para sahir daqui — e nós para vos embarçarmos. Quanto ao mais, chegará talvez o tempo, em que nós disporremos o modo da vossa partida, e este será o unico objecto de discussão.

Lauriston continuou a queixar-se do azedume e furia, que se havia excitado no povo, a fim de desterrar toda a esperanza de accommodação, attribuindo aos Francezes o incendio e ruina de *Moscow*, sendo os mesmos habitantes os authores d'aquella calamidade.

O Principe respondeu que era a primeira vez que elle ouvia fallar de queixas contra o enthusiasmo e amor á patria de todo o povo, que defendia as suas cazas contra hum inimigo, que as atacava, e que por isso havia desafiado aquelle rancor e furia, de que elle se queixava agora; mas que pelo contrario elle merecia o maior apreço e louvor. — Acerca do incendio de *Moscow*, diz o Principe, eu sou muito velho, tenho muita experiencia da guerra, e posstio muito a confiança do povo Russo, para não ser todos os dias, e todas as horas, informado do que se passou em *Moscow*. Eu

mesmo ordenei a destruição de alguns armazens ; mas desde a chegada dos *Francezes* a *Moscow*, os *Russos* não destruirão mais do que os provimentos de carros, quando vós adoptastes a resolução de vos apoiardes d'elles, distribuindo as carroças a vosso sabor: os habitantes causarão muito poucos fogos. Vós continuastes systematicamente na destruição d'aquella Capital, fixando os dias particulares, e marcando os bairros, a que se devia pôr fogo em periodos fixos. Eu tive huma miuda conta de tudo; ella se seguiu com exactidão; e huma prova de que não forão os moradores, que arruinarão *Moscow* he que vós destruístes com artilharia as cazas de outros edificios construidos com a maior solidez, lançando ballas contra ellas por entre as chammas. Sem duvida havemos de empenhar-nos em vingarmo-nos. A nossa conferencia está concluida.

Certamente *Lauriston* não devia ficar contente com este final. Os *Francezes* estavam muito costumados a arranjar negocios d'esta natureza em hum *tete-a-tete*, ou com huma conferencia amigavel, porém aqui mais de 30 pessoas forão testemunhas, por huma parte, da dignidade do Marechal *Russo*, e pela outra, das indignas maneiras de hum vil companheiro, encarregado por hum salteador.

(*Lond. Chron.*)

Esboço da Conversação entre Murat e o General Miloradovitch, que teve lugar nos postos avançados dos exercitos Russo e Francez, a 11 de Outubro de 1812.

Depois dos cumprimentos do costume.

Murat. — Estais informado, General, dos excessos, que commettem os vossos *Cosacos*? Fazem fogo aos forrageiros, que eu envio a differentes direcções — os vossos mesmos camponezes sustentados por elles, massacrão os nossos hussarés separados.

Milora. — Estimo muito que os *Cosacos* cumprão rigorosamente as ordens, que lhes forão dadas. Tenho tambem grande satisfação em saber da boca de V. M., que os nossos camponezes se mostram dignos do nome de *Russos*.

Murat. — Isso he contra todas as regras da guerra até agora estabelecidas, e em razão deste aspero estado de cousas, eu serei obrigado a mandar as nossas columnas á direita e á esquerda, para proteger os forrageiros.

Milora. — Muito melhor, Senhor: os meus Officiaes se queixão de haverem estado em inacção tres semanas. Ardem em impaciencia de tomar peças, e bandeiras.

Murat. — Mas para que procuraes azedar duas nações formadas para se estimarem reciprocamente a tantas vistas?

Milora. — Os meus Officiaes, e eu mesmo, vos retribuimos todos os possiveis signaes de estima; mas vós vos queixaes que os vossos forrageiros são sempre tomados, e as columnas que podeis mandar á direita e á esquerda para protegellas, serão batidas.

Murat. — General, sois excessivo em palavras, mas palavras não balem inimigos. Lançai os olhos sob o mappa; alli vereis quanto paiz havemos conquistado, e quão longe havemos penetrado.

Mil. — *Carlos XII* penetrou ainda mais longe; chegou a *Pultowa*.

Murat. — O exercito *Francez* tem sido constantemente victorioso.

Milora. — Mas nós nunca pelejamos, se não em *Borodino*.

Murat. — Aquella victoria nos abriu as portas de *Moscow*.

Mil. — Com perdão de V. M., nós vos abandonamos *Moscow*.

Murat. — Seja como for, nós somos senhores da vossa antiga e immensa Capital.

Mil. — Sim, Senhor, e he hum pensamento bem afflictivo para todo o *Russo*, e para mim em particular; eu fiz tudo para salvar *Moscow*. A *Russia* vos fez hum immenso sacrificio; mas ella começa já a tirar vantagens d'elle.

Murat. — Como?

Milo. — Eu sei que *Napoleão* enviou *Lauriston* ao General em Chefe, para tratar de paz. Se que os vossos Soldados estão reduzidos a contentar-se por 60 horas com aquillo, que mal basta para sustentar hum homem 24.

Mur. — O spassaportes, que se vos enviarão são huma farça.

Mil. — (Continuando) — Eu vejo que o Rei de *Napoles* veio ter com o General *Miloradovitch* a pedir quartel para os seus forrageiros, e entabular huma negociação para apaziguar os Soldados.

Murat. — (picado) — A minha visita foi puramente accidental; e eu só procurava informarvos dos abusos, que as vossas tropas commettem.

A falta de disciplina he huma grande desgraça para hum exercito; muitas vezes tem sido sua ruina.

Mil. — Mas n'aquelle caso melhor a animaríeis. Preciosa falta de disciplina, que nos faz matar os forrageiros *Francezes*!

Mur. — Estais muito enganado acerca da nossa posição. *Moscow* está abundantemente suprida e tudo; esperamos immensos reforços, que estão em caminho.

Mil. (Rindo) — Entrão pensais que nós estamos mais longe dos nossos soccorros do que vós dos vossos?

Murat. — Tenho também de queixar-me em um ponto muito essencial.

Eu appello, General, para a vossa justiça, e equidade. Duas vezes haveis feito fogo aos vossos parlamentarios.

Mil. — Senhor, não precisamos ouvir trombetas. Precisamos pelejar, e não negociar. Tomai as vossas medidas proporcionadamente.

Murat — Que! Por esta conta também eu não estou seguro aqui.

Mil. — Vos corriereis grande risco, Senhor, e viesseis segunda vez: mas hoje terei a honra de acompanhar-vos até as vossas vedetas.

O General pediu o seu cavallo; e *Murat*, assombrado do que havia passado, observou que nunca tinha ouvido semelhante modo de fazer guerra. O General respondeu, que elle já a havia ouvido na *Hespanha*; e esta inesperada replica obrigou *Murat* a mudar de conversa, e perguntar cortezmente ao General onde havia primeiro servido n'aquella qualidade?

Mil. — Seguramente a *França* ha de ainda lembrar-se da campanha de *Swarrow* na *Italia*. Eu tive a honra de commandar alli muitas vezes a guarda avançada do *Generalissimo*.

Murat, e o General se separarão então depois de conversarem hum pouco sobre a morte do Principe *Bagrathion*.

H E S P A N H A.

Carta Official do Senado de Cadis ao Sr. Duque de Ciudad-Rodrigo, apresentada por huma Deputação.

Ex.^{mo} Sr.: O Senado Constitucional olharia como huma ommissão dos seus deveres para com os Cidadãos, que representa, se deixasse escapar a feliz occasião, que lhe offerece a vinda de V. E. a esta Praça, para lhe manifestar o seu jubilio, e o dos seus Concidadãos, os quaes se não esquecerão nunca do muito, que as victorias de V. E. adquirirão para lhes procurar o sociego, que gozão, livres dos incommodos causados pelo assedio, e pelas bombas, que o inimigo lançava na Cidade. Posto que estes meios não tendessem directamente ao fim, a que o inimigo se propunha, além de incommodarem muito, conservavão a illusão de que a pessma politica de *Bonaparte* tem tirado tantas vantagens.

Além disto he muito conveniente que o usurpador conheça pelas demonstrações da nossa cordial união, quão longe estamos de a alterar, e que os que ainda se lisongeão de ver a *Inglaterra*, e a *Hespanha* desunidas, se convenção mais, e mais de que duas Nações, que tem o mesmo interesse em tranquillizar o Mundo, são inseparaveis: por que trabalham a favor dos seus respectivos interes-

ses, quando se esforço para que triunfe qualquer dellas.

Para realizar estes dezejões, nomeou o Senado huma Deputação composta dos seus Regedores *D. Francisco de la Sierra*; *D. João José Perez*; *D. Bartholomeu Costelho*, e do seu primeiro Procurador Syndico *D. José Antonio de Puyade*, que manifestarão a V. E. os sentimentos desta Corporação.

Fique V. E. persuadido da sinceridade com que o Senado de *Cadiz* lhe dezeja huma serie sem interrupção de prosperidades, para beneficio da Causa commum, e da gloria pessoal de V. E. *Cadiz* 26 de Dezembro de 1812. Assignado — *Fernando Valdés*.

O Sr. Duque de *Ciudad-Rodrigo* foi pessoalmente a *Caza* da *Camara* a huma e meia da tarde para cumprimentar o Senado, o qual o recebeu com as honras proprias de hum acto tão solemne.

Discurso do Procurador Syndico D. José Antonio Puyade, dirigido ao Sr. Duque de Ciudad-Rodrigo a 26 de Dezembro de 1812.

O Senado Constitucional de *Cadiz*, logo que teve noticia da chegada de V. E. a esta Cidade, nomeou huma Deputação, composta de tres Regedores, e do primeiro Procurador Syndico. Esta Deputação se apresenta a V. E. para o felicitar pela sua chegada, e para lhe exprimir a satisfação, com que vê dentro dos seus muros o famoso Vencedor dos inimigos da tranquillidade do Mundo, humilhados, e confundidos huma, e muitas vezes, pelo seu valor e sabedoria.

O Corpo, que representa huma Povoação tão illustrada, não podia esquecer-se dos sentimentos de gratidão, que se devem ao que dos Campos de *Salamanca* libertou *Cadiz* dos males, que o assedio, e as bombas do inimigo lhe causavão, e que soffreu por tanto tempo. Estes meios, que o inimigo empregava, erão na verdade insufficientes para conseguir o seu fim considerados militarmente, sobre tudo em huma Povoação de *Hespanhoes*, que não soffrendo nunca jugo estrangeiro, jámais abtirão as portas de huma Praça como *Cadiz* ás hostes imundas do usurpador de todos os direitos, preferindo ver cahir sobre as suas cabeças os tectos das suas habitações á ignominia de serem subjugados com vileza. Mas o influxo moral, que tem tanto imperio sobre os homens, he huma arma terrivel nas mãos do *Machiavelo* dos nossos tempos, *Bonaparte*; e a retirada das suas hostes do sitio de *Cadiz*, rasgarão o véo da illusão, com que enganava outros paizes, no mesmo tempo em que a retirada allivou estes benemeritos habitantes do incommodo, e desasocego inseparaveis de semelhantes acontecimentos.

Recebi pois V. E. as sinceras expressões do nosso agradecimento, e fique certo de que estes Moradores transmittirão á sua ultima posteridade a obrigação, em que se achão constituidos de conservarem sempre viva na sua lembrança a memoria do Duque de Ciudad-Rodrigo.

O Sr. Duque respondeu; que elle e o seu Exercito tinhão trabalhado, e trabalharião pela prosperidade e liberdade da Nação Hespanbola; e

NOTICIAS MARITIMAS.

ENTRADAS.

Dia 16 de Março. — Rio Grande; 20 dias; B. Atrevido, M. Antonio Travassos da Rocha, C. a Antonio Pereira da Fonseca, carne, trigo, e couros. — Santos; 8 dias; Penque, M. Ignacio José da Rocha, C. a Manoel Moreira Lirio, assucar.

Dia 17 dito. — Rio Grande; 21 dias; G. Ingleza, Sidney Cove, M. Carlos M.^c Laren, C. ao M., pelles de lobo, e azeite de peixe.

Dia 18 dito. — Rio Grande; 22 dias; B. Bella Americana, M. Manoel Antonio de Jesus, C. a Manoel Gomes Pinto, carne, trigo, couros, e sebo. — Dito; 14 dias; B. Galiana, M. Antonio José da Silva, C. a José Ribeiro dos Santos, Jitta. — Monte Video; 22 dias; S. Hespanbola Pilar, M. Christovão Duran, C. ao M., couros, e vinagre. — Campos; 10 dias; L. N. S. da Lapa, M. Joaquim Ferreira, C. a José Antonio dos Santos, assucar, e agoardente. — Dito; dito, L. N. S. da Conceição, M. João Ferreira dos Santos, C. ao M., assucar, e mel.

ficaria eternamente na sua lembrança a nonra, com que o Senado de Cadix o distinguira neste dia.

Rio de Janeiro.

No artigo da Gazeta passada, relativo ás Execuias do Serenissimo Senhor Infante D. PEDRO CARLOS, celebradas na Cidade de S. Luiz do Maranhão se omittio mencionar que forão solemnizadas na Cathedral da mesma Cidade pelo Ill.^{mo} Cabido, o qual concorreu com todas as despezas.

SABIDAS.

Dia 16 de Março. — (Nenhuma Sabida.)

Dia 17 dito. — Rio Grande; S. Perola do Sul, M. Antonio José Pereira Galvão, vinho, vinagre, e fazendas. — Dito; S. S. Francisco de Paula, M. Thomas Pereira do Lago, sal. — Rio de S. João; L. Conceição, M. José Maria de Almeida, lastro. — Dito; L. N. S. da Luz, M. Antonio Teixeira de Abreu, lastro. — Dito; L. Santa Anna, M. José Aives, lastro. — Campos; L. Conceição, M. José Pereira dos Santos, lastro. — Macabé; L. Santo Antonio, M. Manoel Coelho, lastro.

Dia 18 dito — Macabé; S. Catana, M. Antonio Faustino de Azevedo, lastro. — Dito; L. Conceição, M. José da Cunha Sarmento, lastro. — Campos; S. Santa Anna, M. Manoel José Carneiro, lastro. — Cabo Frio; L. Bom Conceito, M. Antonio Luiz, lastro — Santa Catharina; L. S. José Voador, M. João Vieira da Roza, lastro. — Rio de S. Francisco; L. Vencedor, M. Custodio José de Araujo, lastro.

AVISOS

Participa-se ao Publico, que em o dia primeiro de Abril do presente anno se abrem as Aulas da Academia Real Militar. Todas as pessoas, que quizerem frequentar a Aula do 1.^o anno do curso Mathematico, deverão comparecer na fórma determinada em a Carta de Lei do estabelecimento da Academia, para serem matriculadas, achando-se para isso habilitadas até ao dia 4 de Abril do corrente anno. Os que comparecerem, trazendo requerimento com certidão de idade, levarão Despachos para serem examinados pelo Lente do 1.^o anno; e com a approvação deste, obterão o Despacho para a matricula.

Quem quizer comprar huma Sumaca denominada *Senhora da Luz*, dirija-se a bordo da dita, defronte da porta da *Alfandega*.

Quem quizer arrendar o Officio de Escrivão da Camara da *Villa do Principe*, Capitania de *Minas Geraes*, falle com o proprietario *Joaquim Ignacio de Mello e Serra*, que mora na rua dos *Ourives*, N.^o 58, ao pé da rua da *Cadêa*.

Na confeitaria da rua da *Quitanda*, N.^o 90, há para vender conserva de todas as qualidades muito superiores, e igualmente mostarda.

No dia 12 de Novembro de 1812 fugio hum molecão bem feito, crioulo, que foi escravo da Provincia de *Santo Antonio*, estatura ordinaria, olhos grandes, e vermelhos, cabelo nos peitos e pernas, orelhas pequenas e pegadas ao casco, quem delle souber, o participará a *Antonio Nunes de Aguiar*, na rua do *Lavrado*, sobrado a esquerda, N.^o 7, que dará boas alviças: tem luz de *Carpinteiro* e *Alfaiate*. Tem ordem para vender duas carroças e duas bestas com seos pertences em preço commodo, ou em rifa.

*. Nas noticias maritimas do N.^o antecedente na primeira linha em lugar de *Parati* lêa-se *Porto*.